

Review

Reviewed Work(s): Identidade e Memória na Comunidade Israelita de Lisboa. Contributo para um Estudo da Construção Identitária e da Transmissão da Memória na Comunidade Judaica Portuguesa Contemporânea by Xénia Venusta de carvalho

Review by: Helena Pereira de Melo

Source: *Análise Social*, Vol. 50, No. 217 (2015), pp. 863-865

Published by: Instituto Ciências Sociais da Universidad de Lisboa

Stable URL: <https://www.jstor.org/stable/44071993>

Accessed: 24-06-2024 09:03 +00:00

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact support@jstor.org.

Your use of the JSTOR archive indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <https://about.jstor.org/terms>



JSTOR

Instituto Ciências Sociais da Universidad de Lisboa is collaborating with JSTOR to digitize, preserve and extend access to *Análise Social*



CARVALHO, Xénia Venusta de
Identidade e Memória na Comunidade Israelita de Lisboa.
Contributo para um Estudo da Construção Identitária
e da Transmissão da Memória na Comunidade Judaica
Portuguesa Contemporânea,
 Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2014, 191 pp.
 ISBN 9789726713371

Helena Pereira de Melo

O livro *Identidade e Memória na Comunidade Israelita de Lisboa*, de Xénia Venusta de Carvalho, corresponde à dissertação de mestrado em Ciências Sociais que realizou, em 2004, no Instituto de Ciências Sociais. A publicação da investigação então realizada ocorre dez anos depois, em 2014, o que a torna, de certo modo, num trabalho de natureza histórica, sobre a Comunidade Israelita de Lisboa (CIL), sua composição, estrutura, interesses e motivações à data em que foi estudada.

É um trabalho extraordinariamente interessante, não apenas pelo tema abordado, mas, sobretudo, pela forma como o é. A CIL (constituída, à data, por cerca de 300 pessoas) emerge enquanto comunidade étnica e religiosa minoritária na sociedade em que se insere, nos seus traços caracterizadores essenciais. O passado histórico comum, a Diáspora, a ideia de que se “nasce” judeu (apenas por se ter uma mãe judia), a identidade cultural comum que une os judeus que a integram a judeus de outros países, o culto religioso, a reação contra o anti-semitismo, a sobrevivência ao

holocausto... são traços que permitem entrever, como salienta a autora, uma comunidade cujos membros partilham “uma identidade específica, múltipla e *imaginada*, partilham a sua *visão do mundo* numa era global e transnacional, em que o *ser* se expressa na sua plenitude e se questiona cada vez mais a tendência para uma uniformização da cultura” (p. 15).

Para captar a etnicidade específica da CIL a autora recorreu não apenas ao estudo documental como também à realização de entrevistas. Entrevistou 39 membros (18 do sexo feminino e 21 do sexo masculino) distribuídos por três faixas etárias (entre os 70 e 90 anos; os 40 e os 69 e os 20 e 39). Esta distribuição foi feita atendendo a três marcos fundamentais, pela influência que tiveram na composição da CIL: a Segunda Guerra Mundial (que fez com que inúmeros judeus afluíssem a Portugal), a Guerra Colonial (que levou a que muitos saíssem do país para nela não participarem) e o 25 de Abril de 1974 (pelas alterações culturais e jurídicas introduzidas na sociedade portuguesa, que se refletiram numa

forma diferente de autodefinição do judaísmo pelos judeus de “3.ª geração”).

Os resultados da investigação efetuada revelam-nos informação importante quanto à origem familiar (sefardita, asquenazita ou marrana), às habilitações literárias, nacionalidade e conhecimentos da *Torah* dos entrevistados. Ficamos a saber que “não há judeus analfabetos” constituindo a educação uma das preocupações essenciais da CIL, que os membros da comunidade procuram celebrar casamento dentro da mesma, e que o judeu “é extremamente cioso do seu bem-estar, gosta de viver bem. E gosta de dar o bem-estar aos seus” (p. 101). A ideia do exílio, de que “o judeu vive sempre na diáspora e que um dia vai retornar à sua terra prometida” é outra constante dos depoimentos dados. A presença de Deus faz-se sentir nas três gerações entrevistadas, sendo, no entanto, digno de nota que a autora tenha encontrado “afastamento de Deus quando os entrevistados estão directamente ligados, através da sua história familiar, a perdas de familiares directos no holocausto” (p. 120).

Através de diferentes “peças” recolhidas a autora constrói um *puzzle* que nos permite claramente entrever a CIL à data da elaboração do trabalho efetuado. Permite-nos também reconstituir o passado dos judeus na Península Ibérica e, em particular, em Portugal: de como foram sempre considerados como “o outro” pela maioria católica que os confinou a bairros próprios (as judiarias), os expulsou em 1947, os sujeitou a conversões forçadas... Como desempenharam

o papel de bode-expiatório ao longo dos séculos, sendo responsabilizados pela peste negra no século XIV (“a ideia de que a morte provinha de uma infeção do ar e da água fez imputar aos judeus a corrupção dos poços, das águas e do ar”), pelo terramoto de 1531...

Tudo contribuiu para a criação de uma forte identidade afirmada quer pela existência de traços comuns (culturais, religiosos) que unem os seus membros e que são distintos dos restantes grupos que compõem a sociedade portuguesa, quer pela existência de partilharem um mesmo passado que, por vezes, foi de grave hostilidade e de rejeição por parte da maioria católica. O livro permite-nos, deste modo, olhar de forma diferente para a CIL, que é parte da atual sociedade portuguesa. Permite-nos compreender melhor o que representa e quais os seus ideais, hábitos, tradições. No mundo pluricultural em que vivemos, esta diferença é constitutiva do caleidoscópio que nos rodeia: abandonada a ideia de um Estado-nação com uma religião, uma étnica dominante, um modelo de “vida boa” a seguir por cada cidadão, só na multiplicidade dos grupos e respetivos códigos culturais poderemos intuir os traços essenciais da atual sociedade portuguesa.

Quanto ao estilo o livro está escrito de uma forma despretensiosa e simples, que torna a sua leitura fácil e agradável. O discurso é rigoroso do ponto de vista formal: a bibliografia é adequada e foi devidamente utilizada e citada. É, de igual modo, assinalável o rigor quanto ao conteúdo: os conceitos utilizados (de

etnia, identidade, memória...) são cuidadosamente explicitados ao longo do texto.

Por tudo o referido estamos perante uma obra de grande qualidade que deve ser lida por todos aqueles que queiram aprofundar os seus conhecimentos sobre o importante papel desempenhado pela CIL em Portugal e por todos os que apreciem um trabalho de investigação bem realizado, independentemente do tema.

MELO, H.P. de (2015), *Recensão "Identidade e Memória na Comunidade Israelita de Lisboa. Contributo para um Estudo da Construção Identitária e da Transmissão da Memória na Comunidade Judaica Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2014". *Análise Social*, 217, L (4.º), pp. 863-865.

Helena Pereira de Melo » helena.melo@fd.unl.pt
 » Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Direito
 » Campus de Campolide — 1099-032 Lisboa, Portugal.



CATROGA, Fernando
A Geografia dos Afectos Pátrios.
As Reformas Político-Administrativas (séculos XIX-XX),
 Coimbra, Edições Almedina, 2014, 406 pp.
 ISBN 9789724050768

Paulo Jorge Fernandes

Apresentar e comentar o trabalho do historiador Fernando Catroga não resulta num exercício simples. O autor pode ser considerado como um dos mais brilhantes e estimulantes pensadores nacionais das últimas décadas. Se a sua intervenção cívica foi constantemente subscrita pelos valores da liberdade, da democracia e do humanismo, o trajeto académico encontra-se repartido por quatro décadas passadas em várias instituições e ilustrado por centenas de comunicações e publicações entre livros, capítulos de livros e artigos em revistas especializadas publicados em Portugal e no estrangeiro.

Como herança deixa um legado fortemente personalizado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde muito recentemente encerrou a sua carreira na qualidade de Professor Catedrático ligado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, na atual designação. A sua aula de jubilação, ocorrida a 25 de maio de 2015, onde reuniu colegas, amigos, estudantes e antigos alunos, não parece representar, todavia, o derradeiro ato de um itinerário intelectual que o conduziu, a ele e aos seus leitores, pelos caminhos da História das Ideias e da Cultura dos séculos XIX